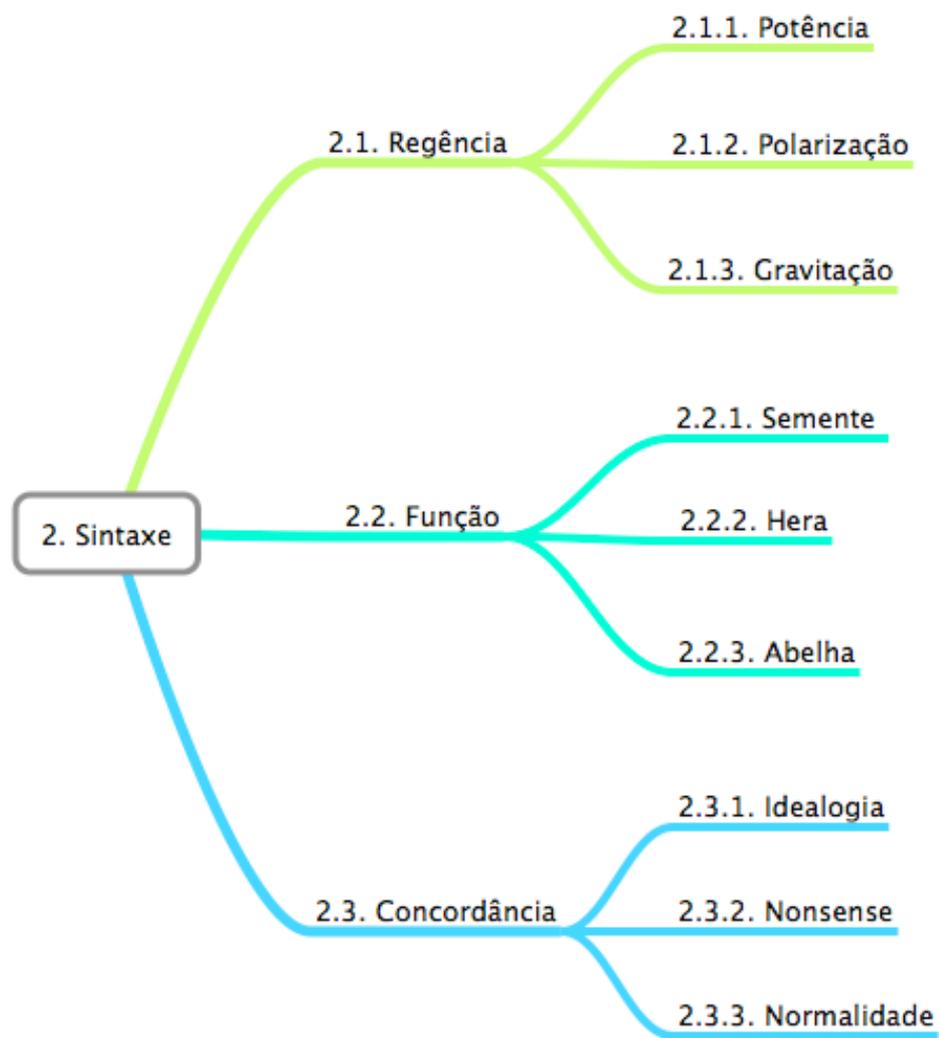


2. Sintaxe como Ética



[mapa da Sintaxe]

अहिंसासत्यास्तेयब्रह्मचर्यापरिग्रहा यमाः ।३०।

ahimsā satya asteya brahmacarya aparigrahā yamāh. [30]

Este é o 30º verso do segundo capítulo do *Yoga-Sūtra* de Patāñjali. O verso pode ser traduzido assim: não-violência, busca pela verdade, não-furtar, autocontrole e altruísmo são cinco sementes da *ética social* – *yama*, em Sânscrito.

Cerca de 200 anos antes de Cristo, Patāñjali sistematizou a antiga tradição da yoga em 196 aforismos especiais, chamados *sutras*. Estes são linhas de signos tão densos quanto sementes, de onde se pode ver germinar a yoga em oito esferas, uma brotando da outra... O sutra acima condensa a primeira dessas esferas em cinco princípios para uma ética social. Sem eles não há yoga, palavra cultivada a partir da raiz sânscrita "yuj", que significa *união*.

Admirando a união, os princípios de *yama* não poderiam servir apenas ao relacionamento de um humano com outro. Também (e principalmente) servem ao relacionamento de um humano consigo mesmo – pois o próprio ego pode ser visto como *outro* em nós mesmos.

Visando à união, *yama* também não poderia servir apenas à ação no sentido estritamente “corporal” de alguém em meio à sociedade. A ética também serve ao pensamento e, principalmente, à palavra, aqui considerada a ponte entre pensamento e ação.

Eis que de repente já estamos em plena *Sintaxe*. Numa sintaxe reconhecida como *Ética*. As palavras agem. Nada tão extraordinário ao ocidente, se lembrarmos a réplica de Jesus Cristo, quando acusaram seus discípulos de comerem sem lavar as mãos: *a sujeira (ou o mal) não está tanto no que entra quanto no que sai da boca* (MATEUS, 15: 11). Ou, numa versão moderna, escrita pela poetisa argentina Alfonsina Storni (1934): a boca é o canal por onde, a um tempo, canta o anjo e engole a besta. Veja que, se aparentemente contrárias às de Jesus, as palavras de Alfonsina rumam à mesma encruzilhada: palavras tanto podem ferir quanto inspirar. Porque elas agem.

Por falar nos contrários aparentes das falas de Jesus e de Alfonsina, chegamos a um quarto sentido de união semeado pelos princípios de *yama*: além de servirem à união 1. com os outros, 2. com o outro em nós mesmos e 3. com as

palavras-pontes entre outros & nós mesmos... tais princípios não podem excluir seus contrários aparentes. Porque são princípios, não fins. Não são absolutos para nós que os vemos desde uma perspectiva relativa. Não são uma receita concreta de como agir, falar, pensar e ponto final. São sementes, reticências... Precisam ser cultivadas para florescer. São horizontes a buscar com vistas à união, que é a perspectiva a partir da qual fala Patāñjali – sendo a ética de *yama* exemplificada por suas próprias palavras... densas como sementes... e sementes não ofendem... esperam ser árvores.

Mas então vem a pergunta: se, por exemplo, a não-violência (1º *yama*) não exclui seu contrário, como agir? Se estamos numa guerra e definimos não-violência como “não lutar”, de fato fica difícil agir. Contudo, permitam-nos variar a perspectiva com uma contraproposta, ou contrapergunta: e se a não-violência for simplesmente (in)definida como semente de união?

Esta foi a indagação que o líder e advogado Mahatma Gandhi buscou responder com a *luta* (não-violenta) de toda a sua vida, a qual o leitor pode estudar, pois o próprio Gandhi a relata – sem deixar de observar que as palavras são uma ponte de ação e, portanto, estão sob a jurisdição da ética:

Senti que meu dever era defender ambos os lados, e promover seu reencontro. (...) Compreendi que a verdadeira função de um advogado era unir partes que se haviam separado.

(GANDHI, 1925: 128)

Para Gandhi, não-violência não se reduz ao contrário de alguma coisa. Por que usamos, então, prefixos contrários como “*não*” (*não-violência*) em Português ou “*a*” (*a-himsa* = *não-violência*) em Sânscrito? Talvez porque sejam os prefixos disponíveis. Ou talvez não haja prefixos negativos... e nós é que julgamos coisas aparentemente contrárias no encontro de duas forças de natureza idêntica.

Gandhi afirma ter lido *Assim falou Zaratustra*, de Nietzsche, pois queria conhecer o que, aparentemente, seria seu contrário: um devoto *versus* um ateu? Lembremos, apenas, que o Zaratustra de Nietzsche, ao renovar os conceitos do antigo profeta maniqueísta, funde todos os contrários: nunca diz que isto é mais nem menos certo que aquilo. Ao contrário (dos contrários), admira as comprometidas perspectivas a partir das quais se julgam as coisas como certas ou erradas. Sobre a castidade, por exemplo, assim falava Zaratustra:

Aconselho-vos, porventura, a matar os vossos sentidos? Eu vos aconselho à inocência dos sentidos.

Aconselho-vos a castidade? A castidade é uma virtude, em alguns, mas, em muitos, quase um vício.

(NIETZSCHE, 1890: 70)

Mas, é claro, Nietzsche tinha a sua própria perspectiva – que não se exime de ser admirada a partir de outra... Decerto nós também temos a nossa (im)própria – de modo que a declaramos desde o início. Nossa perspectiva é a busca da união, pois cremos fazer mais sentido incluir do que excluir. Parece-nos que excluir interrompe o sentido e por isso não faz sentido algum. Contudo, também incluir passando por cima de tudo pode ser tão violento quanto manter tudo isolado... Depende da perspectiva... Daí buscarmos a instrução dos que refletiram sobre isso e que parecem chegar a uma conclusão comum – embora isto também possa ser apenas uma ilusão de nossa perspectiva. Mas não acreditamos que seja.

Não fingiremos duvidar daquilo de que não duvidamos.

Pensando sempre num meio de reunir os opostos, imaginemos uma Sintaxe de uniões... Se um oposto é julgado como erro pelo seu anteposto, buscaremos a ponte a partir da qual admirar ambas as perspectivas, como Gandhi & Zaratustra fizeram... tão aparentemente opostos.

Se uma regra de sintaxe não dá conta de uma exceção, para nós esta não será uma regra de sintaxe capaz de *entender* a exceção. Nesse sentido buscaremos outra regra, cujo princípio seja incluir o suposto erro. Se considerarmos, por um instante, a natureza do pensamento e tentarmos capturar a qualidade airosa vagando por ele neste exato instante, certamente erraremos... Ora:

– *Pensar é essencialmente errar* – precisamente “errava” Alberto Caeiro (PESSOA, AC: 129). Então não há regras? Não nos precipitemos errando o errado oposto de um erro... num eterno pular de tradição para contradição... esquecendo visivelmente o que sugeriu o Buda: a possibilidade do caminho do meio. Se o pescador mantém a linha muito solta, pode perder o peixe; se a mantém tensa demais, ela romperá; entretanto, a linha também pode estar curvada.

Nesse sentido, queremos uma Sintaxe que faça sentido, justamente por ser capaz de *desfazer* e *refazer* sentidos – uma sintaxe que faça sentido enquanto *faz*... Para que a ação não seja nem cega nem fanática, *faremos* em busca da União.

**Sūtra 2. *Sintaxe é a Ética da Linguagem:*
Concordância de Funções em busca de Regência...**

Compromisso assumido entre Alexander Search, residente no Inferno, em Parte Alguma, e Jacob Satanás, senhor, embora não rei, do mesmo lugar.

1. Nunca desistir nem recuar do propósito de fazer bem à humanidade.
2. Nunca escrever coisas sensuais ou de qualquer modo más, que possam servir de detrimento ou prejudicar aos que lerem.
3. Nunca esquecer, ao atacar a religião em nome da verdade, que a religião pode dificilmente ser substituída e a pobre criatura humana está chorando nas trevas.
4. Nunca esquecer o sofrimento e as dores humanas.

†A marca de Satanás.

(Alexander Search, 2 de outubro de 1907 – PESSOA, OPr: 33)

Quem ler Fernando Pessoa e companhia heteronímica poderá constatar que o compromisso de Alexander Search (de quando Pessoa tinha 19 anos) foi cumprido à risca ao longo da obra do poeta. Como, porém, um leitor extraordinariamente severo pode titubear ante alguns poemas -- e pelas dúvidas ser impedido de acompanhar-nos -- seguem lembretes que talvez o desimpeçam: os eventuais palavrões de Álvaro de Campos nunca nos ofenderam – em vez de nos parecerem maus, invariavelmente nos arrancam de prisões (essas, sim, más) para uma sensação de sem-limite. Fora isso, apenas os poemas *Epithalamium* (1913) e *Antinous* (1915) poderiam ser consistentemente acusados de não-cumprir o acordo, pois, como Pessoa mesmo reconhece,

são os únicos poemas (ou, até, composições) que eu tenho escrito que são nitidamente o que se pode chamar obscenos. (...) Como esses elementos [de obscenidade], por pequeno que seja o grau em que existem, são um certo estorvo para alguns processos mentais superiores, decidi, por duas vezes, eliminá-los pelo processo simples de os exprimir intensamente.

(PESSOA, OPr: 464)

Lembremos a máxima do Pessoa Ricardo Reis: “Para ser grande sê inteiro – nada teu exagera ou exclui”... Com ela na memória, pensemos que a mentira de *excluir-se* é que significaria descumprimento total do acordo. Além disso, vejamos que os elementos obscenos dos dois poemas ingleses não necessariamente são coisas “*que possam servir de detrimento ou prejudicar aos*

que lerem”; muito pelo contrário, podemos considerá-los um bem, por revelar à humanidade o sofrimento de uma sintomática repressão sexual. Logo, se Pessoa aparentemente infringe a cláusula 2 do acordo, mantém-se fiel implicitamente à 1 (*fazer bem*) e evidentemente à 4 (*nunca esquecer o sofrimento*) – com o que esperamos cesse o leitor de pôr à prova a *Sintaxe como Ética* de Fernando Pessoa.

Quem divagar sobre essas aparentes exceções não esqueça de admirar a totalidade dos poemas Pessoaanos: versos capazes de nos perturbar sem nos prejudicar, arrebatam sem ofender... ..Numa total mestria da 2ª Ciência Normativa da Linguagem: a *Sintaxe como Ética*.

Deleuze talvez sugerisse: que tal “*sintaxe menor*”?

Mas só porque queria algo maior. De modo que diremos nem menor nem maior, mas dual: porque sintaxe é o universo do em-contro (de um contra o outro), da dualidade: a Sintaxe como ação, conduta... “o caráter moral como verdadeiro núcleo do princípio”, tal qual Ernest Fenollosa (1919: 130) descobre estudando os caracteres da escrita chinesa como instrumento para a Poesia (também ocidental). Fenollosa (idem: 132) indaga a natureza das palavras e constata: “a cerejeira é tudo o que ela *faz*” – máxima idêntica à máxima pragmática de Charles Sanders Peirce (1903: 11): o conceito geral de alguma coisa (por exemplo a “Sintaxe”) será a soma de todas as conseqüências que ela pode ter em sua vida sígnica -- agindo e reagindo para configurar o modo como lemos o mundo, através da força que habita até mesmo as palavras mais impensadas...

Mas dizer “menor” também faz sentido – de um lado da dicotomia. Pois, tirando-se a sombra do maior, vê-se o menor; tirando-se o suposto (ou sobreposto) normal, mostra-se o subjacente autismo (GRANDIN); tirando-se o racional, mostra-se o latente animal (LAKOFF); tirando-se a diplomacia da era dos homens, mostra-se a embainhada espada da idade dos heróis (VICO); tirando-se o livre-arbítrio, mostra-se a fria coação (ROUSSEAU); tirando-se a tendencialidade, mostra-se a experiência bruta (PEIRCE); tirando-se a metalinguagem ou redundância, mostra-se a contigüidade ou metonímia (JACOBSON); tirando-se a minúcia de *Guerra e Paz*, mostra-se a concisão direta de *A Morte de Iván Ilitch* (TOLSTÓI); tirando-se a convenção Semântica, os exércitos da Sintaxe arrumam-se para a batalha por novos territórios de sentido (esta GnT); tirando-se, enfim, os recursos tão imitados

da arte consagrada, mostra-se a literatura seca, condensada, *menor* – como Deleuze alcunha a de Kafka. Mas atenção: não se perde nada:

“menor” não qualifica mais certas literaturas [do que outras], mas, sim, as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquele a que chamamos grande (ou estabelecida).

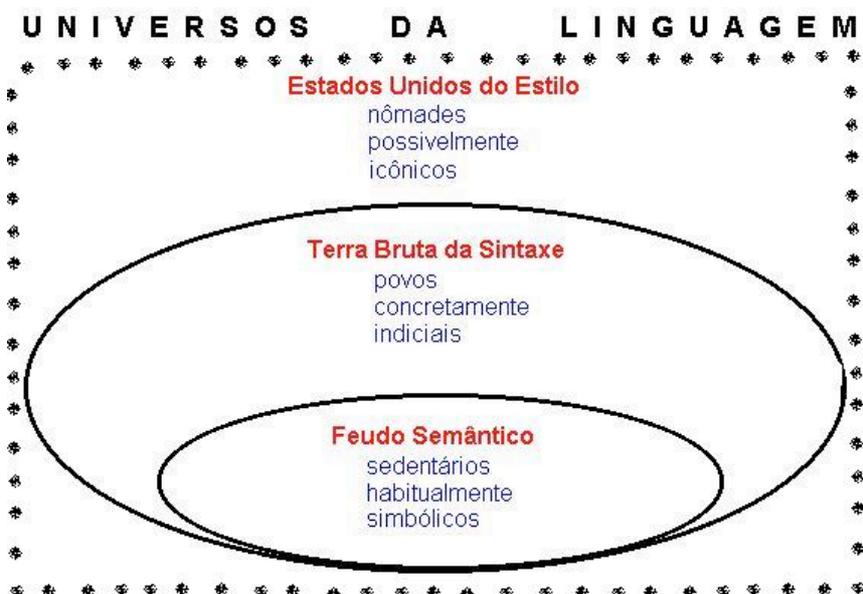
(DELEUZE-GUATARI, 1975: 31)

Do Feudo Semântico à Terra Bruta da Sintaxe, há uma expansão de possibilidades para ressemantizar as sementes das palavras... Por isso o menor se torna maior... Da Lógica voltamos à Ética, que é o universo donde aflora toda Lógica – tal como da Ética da Pólis grega brotou o Lógos da filosofia ocidental: “a filosofia parecendo coisa grega ao coincidir com o surgimento da cidade” (DELEUZE-GUATARI, 1991: 9). Trata-se, pois, de *re-conhecer* a Sintaxe como algo político, numa Pólis que é o campo de forças da linguagem, onde se encontram as palavras.

Lembro que *sintaxe* (assim como *sintagma*) vem da arrumação dos exércitos macedônios para a batalha. Pois bem: a *Sintaxe como Ética* quer entender como as palavras se arrumam para a batalha, como agem ou se agenciam, como *Concordam suas Funções em busca de Sentido...*

“Como *poderiam* agir” seria uma pergunta Estilística; “como *deveriam* agir” seria uma pergunta Semântica. Queremos observar o meio, o fato, a ação já-reação dos nomes:

Num diagrama devaneado para mapear nosso caminho ou conduta:



Para caracterizar o cotidiano das formas que habitam a *Terra Bruta da Sintaxe*, invocamos o pintor Wassily Kandinsky:

a composição das formas
 que constituem os grupos de formas subordinadas,
 a combinação das formas isoladas com os grupos de formas
 que criam a grande forma do quadro inteiro,
 os princípios de ressonância ou de dissonância de todas essas partes,
 o encontro das formas isoladas,
 o obstáculo que, numa forma, encontra outra forma,
 os impulsos recíprocos,
 a imantação,
 o deslocamento de uma forma por uma outra,
 a maneira de tratar os grupos de formas,
 de encobrir isto, de desnudar aquilo,
 de aplicar simultaneamente os dois procedimentos,
 de reunir numa mesma superfície o que é rítmico e o que é arritmico,
 de combinar as formas abstratas puramente geométricas
 (simples ou complexas) e as que nem mesmo têm nome em geometria,
 de combinar as diferentes maneiras de limitar as formas entre si
 (acentuando-as ou atenuando-as)
 – tais são os elementos sobre os quais pode basear-se
 um contraponto de desenho.
 Será esse – enquanto estiver excluída a cor [**em nosso caso, a Semântica**] –
 o contraponto da arte do Branco e do Negro.

(KANDINSKY, 1912: 83)

Transformando os olhos de Kandinsky em nossos ouvidos, tal como ele viu
 o Contraponto nós escutaremos a Sintaxe.

*

* *

Sûtra 2.1. Regência é a Gravitação de Magnetos em busca de Potência...

APONTAMENTOS PARA UMA ESTÉTICA NÃO ARISTOTÉLICA

(...) A arte, para mim, é, como toda atividade, um indício de força, ou energia; mas, como a arte é produzida por entes vivos, sendo pois um produto da vida, as formas da força que se manifestam na arte são as formas da força que se manifestam na vida. Ora a força vital é dupla, de integração e de desintegração – anabolismo e catabolismo, como dizem os fisiologistas. Sem a coexistência e equilíbrio destas duas forças não há vida (...). Como estas forças essencialmente se opõem e se equilibram para haver, e enquanto há, vida, a vida é uma ação acompanhada automática e intrinsecamente da reação correspondente. E é no automatismo da reação que reside o fenômeno específico da vida.

(Álvaro de Campos – PESSOA, OPr: 241)

Fernando Pessoa está propondo uma Estética que é uma Ética... em vez de uma idéia sedentária habitual (logo simbólica) de *beleza*, quer a vida concreta (logo indicial) da *força*.

Na mais famosa tríade proposta por Peirce, o lugar da secundidade é ocupado pelo índice. Lembremos que a própria tríade ícone-índice-símbolo, por tratar da relação (dualidade) do signo com seu objeto dinâmico, é já uma tríade de secundidade, um "2.2". Dessa maneira, o lugar do índice seria a secundidade de uma secundidade, uma dualidade ao quadrado...

categorias ontológicas relações formais	I Primeiridade	II Secundidade	III Terceiridade
I Signo	quali-signo	sin-signo	legi-signo
II Signo - Objeto	ícone	índice	símbolo
III Signo - Objeto - Interpretante	rema	dicente	argumento

Se pensarmos nas dicotomias alma-corpo, tradição-contradição, tese-antítese, ação-reação... talvez julguemos que a história da dualidade é a história mesma do mundo ocidental. Contudo, nossa perspectiva (triádica) será a de enxergar a dualidade como apenas uma perspectiva (dual).

Isso não quer dizer que negamos a dualidade: sua negação só poderia ser.. dual. Em vez disso, apontamos, como brevemente faz Lucia Santaella, o arsenal de exemplos com que a invasão de índices está povoando o mundo. Se a pegada é o simples índice do pé, hoje há

a impressionante multiplicação de equipamentos, aparelhos para captação e registro do som e da imagem, tanto em nível micro quanto macro (antenas, radares, sensoriamento remoto, imagens para diagnóstico médico: ultrassonografia, tomografia computadorizada, ressonância magnética, etc.)

(SANTAELLA, 1995: 158-9)

Todos índices, todos funcionando pelo encontro, pela marcação concreta que sofrem de algo que os rege. Como o pólo Norte rege a bússola. Chegamos, pois, à *Regência*.

Mas, por onde começar?

Era uma vez um movimento poético chamado *Projectivismo*, que sugeriu começarmos, simplesmente, pelo meio – que, aliás, é justamente onde estamos, sempre onde nos *projetamos*.

*

* *

**Sûtra 2.1.1. *Potência é primordial:*
*Gravitação é projeção, pólos e órbita da Potência.***

(...) Assim como um poeta de ritmos subtis pode intercalar um verso arritmico para fins rítmicos, isto é, para o próprio fim de que parece afastar-se, e um crítico mais purista do rectilíneo que do ritmo chamará errado este verso, assim o Criador pode intercalar o que nossa estreita lógica considera arritmias no decurso majestoso do seu ritmo metafísico (...) A existência do mal não pode ser negada, mas a maldade da existência do mal pode não ser aceite.

(Bernardo Soares – PESSOA, *LD*: 250)

Estávamos no meio do Projectivismo quando encontramos tal citação de Fernando Pessoa. Já que o meio é o lugar do encontro, deixemos que Pessoa e Projectivismo se misturem.

Começamos um poema pelo meio, porque estamos no meio dos sons, signos, palavras, porque estamos respirando no meio disto tudo e porque o ritmo de nossa respiração se projeta no poema – que subitamente pode ofegar em plena placidez... porque o ritmo pode comportar a disritmia, tal qual a harmonia pode comportar a dissonância, tal qual o bem pode comportar o mal como uma de suas possibilidades, como sugere Pessoa na trilha de Santo Agostinho (400 a.C) contra a dualidade dos Maniqueus. Mas se Agostinho estava *contra*, já não era também dual?

Não podemos negar a dualidade que nos fere o sentido, a dissonância que nos fere o ouvido, a disritmia que nos fere a respiração, o mal que nos fere a vida... mas isso pode ser apenas a perspectiva da dualidade. Já da perspectiva das possibilidades incontáveis de harmonia, respiração, vida... a existência independente (maniqueísta) dos seus opostos "*pode não ser aceite*".

Esquecemos o Projectivismo e entramos na Metafísica? Talvez apenas estejamos num meio em que eles não se excluem: nem a dualidade pode ser provada como independente da unidade, nem a unidade pode negar que a dualidade existe... Se não podemos limitar a respiração a apenas um dos ritmos possíveis, também não podemos negar que nossa respiração, neste exato momento, tem um ritmo delimitado, existente, atual – um índice que separa sua

concretude, sua realidade sensível, do mundo das possibilidades e ficções. Só uma *indicação* pode fazer isso (SANTAELLA, 1995: 159).

Em 1950, o poeta norte-americano Charles Olson re-conheceu a Poesia como algo capaz de *indicar* a energia do poeta -- o poema visto como um *campo de forças* em batalha, com a ordem-desordem dos batalhões verbais por índice da respiração com que os versos foram feitos e, portanto, com que os versos haveriam de ser lidos.

Ora, Deleuze conhecia bem a literatura norte-americana, a ponto de argumentar por sua *superioridade* (digamos) *menor*. Deleuze (em 1977) sugeriu que os anglo-saxões começavam a escrita pelo meio da linha, isto, exatamente por onde se encontravam, respirando em meio ao mundo todo -- ao passo que, por exemplo, os franceses partiam das extremidades do poema, burilando enquadramentos cada vez mais estreitos, até capturar o coração do verso na arapuca do fazer poético. Em vez de buscar algures o artifício da forma, o Projectivismo, portanto, parte já do seu encontro -- seja qual for a forma que então se encontre -- escrevendo, isto é, projetando sua extensão pelo espaço. Nem conteúdo antes da forma, nem forma antes do conteúdo, mas uma unidade a respirar informação. Embora isso possa parecer abstrato, nada mais concreto que a respiração... Exemplos falarão melhor que a teoria, e tanto nos Estados Unidos, com Robert Duncan (1963), quanto em Portugal, com Herberto Helder (2004), ou em Cabo Verde, com Corsino Fortes (2001) e certamente no Brasil, com os irmãos Haroldo e Augusto de Campos (1971-)... abundam folhas, flores e frutos desta semente já plantada em Pessoa.

Há navio morto na cidadela

Há navios mortos na cidade velha

Uma criança atravessa a ilha entre tambores
O arbusto da mão cheio de terra
E coloca as sementes perto das violas

Duas crianças contornam a boca da ribeira
Com um canto de galo na veia cava
E cavam

Com o nó dos dedos
A proa dos rostos
De remos mortos no ocidente

Três crianças dobram
 Os degraus da comarca E
 Arrancam da carne
 As âncoras do achamento
 As naus da descoberta

(FORTES, 1974)

Se Duncan, Helder e Fortes moram talvez no topo do Projectivismo, no sopé da montanha (não como algo inferior, mas como base de sustentação) habita o verso livre de Walt Whitman... em que o Pessoa Álvaro de Campos tanto se apoiou. Na escalada podemos admirar todas as formas de Poesia Concreta, sem deixar de notar aquele estranho senhor de poemas tão fortes -- até fascistas -- que atendia pelo nome de Ezra Pound.

É célebre a sua (in)definição de Poesia como o campo da “palavra em máxima potência” (POUND: 1934). Palavra em estado denso de *semente* ou *átomo*. Não é por acaso que, em alemão, a palavra para poesia é justamente “densa” (*gedicht*). A célebre equação de Einstein (a seguir) associa quânticas quantidades de energia à qualquer partícula, por menor que seja:

$$E = mc^2$$

Para admirar as implicações destes cinco símbolos, lembremos a situação em que nos sentimos (e de fato ficamos) mais pesados num veículo em aceleração... Interpretemos isso dizendo que a velocidade interfere na quantificação da massa, ou seja, que a matéria pode ser transformada em energia e vice-versa; em determinadas condições o peso de um objeto pode desaparecer, criando, em seu lugar, certo volume de energia, assim como, em sentido oposto, a energia por ser compactada sob a forma de matéria. Matéria como energia-*gedicht*.

Na equação de Einstein (acima), a Energia (E) é igual à massa (m) que aparece e desaparece, multiplicada pela velocidade da luz ao quadrado (c²), que é quase 300 mil quilômetros por segundo AO QUADRADO! Logo, se descompactarmos a mais ínfima partícula de matéria, uma quantidade enorme de energia se desprenderá. Exemplificando: se conseguíssemos descobrir um meio de

liberar a energia de uma simples gota d'água, ela seria suficiente para propelir um avião de quatro motores cinco vezes ao redor da Terra! (FREEMAN, 1955: 84).

A afinidade de Física e Literatura é tanta que, quando Ítalo Calvino (1988: 61) propõe a RAPIDEZ como virtude literária deste milênio, podemos interpretá-lo pela equação de Einstein: a imensa velocidade da luz ao quadrado simboliza o infinito esforço poético rumo à *concisão*, isto é, à menor massa de palavras, as quais só do tamanho de sementes é que podem ser transformadas em energia. Palavras excessivas são peso inerte, empecilhos à *rapidez* de Calvino.

Signos são sementes de potência... já contava a parábola (LUCAS, 5:15): saiu o semeador a semear sua semente... Tão potente que o Padre António Vieira (1655) escreve o célebre *Sermão da Sexagésima* apenas por regar cada uma das palavras dessa primeira frase da parábola do Semeador. O princípio da *potência da matéria* REGE a *Sintaxe como Ética*.

Fico a imaginar quantas pessoas terão perguntado a si mesmas por que motivo existe uma forma para as sentenças e por que essa forma parece tão universalmente necessária em todas as línguas? Por que devem todas possuí-la, e qual é o seu tipo normal? Para ser tão universal, cumpre que ela corresponda a alguma lei fundamental da Natureza.

(FENOLLOSA, 1919: 116)

*

* *

Sûtra 2.1.2. *Polarização é o eletromagnetismo da Potência.*

Encontrei hoje, em ruas, separadamente, dois amigos meus que se haviam zangado um com o outro. (...) Ambos tinham razão. Ambos tinham toda a razão. (...) cada um via as coisas exactamente como se haviam passado, cada um as via com um critério idêntico ao do outro, mas cada um via uma coisa diferente, e cada um, portanto, tinha razão. Fiquei confuso desta dupla existência da verdade.

(Bernardo Soares – PESSOA, *LD*: 212)

Quem estará certo: o positivo ou o negativo?

Sem pensar, diríamos o positivo. Contudo, se porventura encontrarmos uma terra em que exactamente o nosso negativo é tido como o positivo, seremos coagidos ou a uma guerra, ou a uma reformulação da pergunta: quem não estará certo quando positivo é o negativo do negativo?

Na matemática mais elementar, menos por menos dá mais... No entanto, a louvada filosofia que tem como raiz os gregos (considerando-se MAIS) taxou de BÁR-BAR-OS (MENOS) aqueles homens cuja linguagem os gregos só (in)compreendiam como seqüência ininteligível de sons BAR-BAR-BAR... hoje diríamos ou “BLÁ-BLÁ-BLÁ” ou que “estão falando Grego"! A vingança dos pósteros...

Um dia alguém lembrou que a relatividade é um problema: bárbaro é principalmente aquele que chama de bárbaro (LÉVI-STRAUSS, 1952: 335) – recaindo sobre *si* a incapacidade de atravessar o mesmo abismo pelo qual o *ego* pretendia distinguir-se do *outro*. Na perspectiva da dualidade, ambos os extremos estão certos, pois não há parâmetro fixo ou meio-termo para observar os bárbaros polarizados.

Mas não há marcadamente um positivo e um negativo na Física do Eletromagnetismo?

Sim, mas só quando um se define pelo contrário do outro. Aqui, não deixaremos que a idéia de negação nos impeça de admirar ambos como positivos, na medida em que são potentes. Só se caracterizam como MAIS ou MENOS quando, do encontro, resulta que um esforço se sobreponha ao outro, passando a seu Regente, logo seu POSITIVO. Mas ambos atraem, e repelir é só atrair ao

contrário... Negação não deixa de ser esforço... De modo que podemos pensar, não um contra outro, mas um COM o outro... polarizando-se em busca de potência.

Ernst Fenollosa (1919: 133), estudando os ideogramas chineses, constatou que “seu poder está no reconhecimento da Natureza como um repositório de forças”: potência aquém de + *ou* – .

Na Natureza, não há negações nem transferências possíveis de força negativa. (...) todos os movimentos aparentemente negativos ou que provoquem rupturas põem em ação outras forças positivas. Aniquilar exige um grande esforço. (...) no chinês ainda podemos observar a passagem das concepções verbais positivas para as chamadas negativas. Assim, em chinês, o signo que significa “estar perdido na floresta” se refere a um estado de não-existência. (idem, 1919: 120)

Re-conhecemos a chamada negação como esforço: não-existir é o esforço de alguém se perder numa floresta. Mas Fenollosa vai além e, pelo chinês, sugere uma etimologia para a *negação* de nossas linguagens do Ocidente: “o inglês *not* = ao sânscrito *na*, que pode ter vindo da raiz *na*, <<estar perdido, perecer>>” (idem). Portanto, “negação” não passa do hábito de repelir, desviar, “fazer perder-se” algum esforço que nos desestabiliza -- algo com força claramente positiva, mas chamado “negativo” a partir da perspectiva daquilo que nos habituamos a chamar de “positivo”... Ante a Regência Habitual do Positivo, perder-se numa floresta de forças sintáticas só poderia mesmo ser algo perigoso, reformador, incerto, *negativo*...

Na Física Quântica, campo de possibilidades e incertezas, uma partícula pode ligar-se de muitas maneiras à regência de outra partícula. Há, por exemplo, a ligação química chamada covalente *dativa*, em que um átomo empresta um par de elétrons a outro... numa idéia interessantemente similar à do caso também chamado DATIVO, na declinação dos nomes latinos e de idiomas influenciados pelo latim, como o Alemão. A raiz etimológica é a mesma, do latim *datum*, algo “dado” – e tanto a ligação quanto a declinação dativas são casos de *doação*.

Na declinação dativa, trata-se da idéia geratriz do nosso “objeto indireto”: ele é regido por uma ação verbal que pede a idéia de um empréstimo para se completar. Por exemplo:

EMPRESTAMOS SEMENTES *AO LEITOR*

Então, o leitor se liga dativamente a nós pelo empréstimo das sementes que nos sobram.

Ao verbo "emprestar", como ao átomo carente de elétrons, falta um objeto que estabilize seu sentido – e só nesse sentido é que se torna seu regente, não mais que seu *suplicante*... Uma analogia tentadora é dizer que o rei precisa do povo e não pode reger sem sua doação de poder. O povo, tal como o rei em torno do qual orbita, não deixa, pois, de ser uma força ao emprestar seu poder – não se torna essencialmente negativo por o identificarmos com o regente.

Somos incapazes de estabelecer qualquer limite para a riqueza potencial de repensarmos a negação como esforço tão afirmativo quanto a afirmação. Devaneando em possibilidades, chegamos mesmo a esboçar a heteronímia de Fernando Pessoa como *polarização de projectivismos da potência*... Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Pessoa-ele-mesmo são ligações dativas, esforços polarizados ante seu mestre, o Regente Alberto Caeiro – cuja tremenda energia delimita os índices de *quem é quem* neste campo de forças Poético, em que cada esforço tem sua própria concepção de Poesia e, portanto, uma perspectiva igualmente forte para se defender em meio às visões concorrentes. No entanto, Mestre Caeiro se destaca como a negação máxima de Pessoa: negação tão afirmativa... que foi capaz de afirmar, em meio às 72 vidas de um só Fernando, quem seria Pessoa ele mesmo, o qual, no mundo da Poesia, passou a ser apenas “a reação contra a sua inexistência como Alberto Caeiro” (PESSOA, *OPr*: 96):

Pus no Caeiro todo o meu poder de despersonalização dramática (...)

(idem: 94)

*

* *

Sûtra 2.1.3. **Gravitação é a órbita de uma polarização da Potência.**

ACIMA DE TUDO, a arte é um fenômeno social. Ora no homem há duas qualidades diretamente sociais, isto é, dizendo diretamente respeito à sua vida social: o espírito gregário, que o faz sentir-se igual aos outros homens ou parecido com eles, e portanto aproximar-se deles; e o espírito individual ou separativo, que o faz afastar-se deles, colocar-se em oposição a eles, ser seu concorrente, seu inimigo, ou seu meio inimigo.

(...) Ora se a arte é um fenômeno social, no ser social vai já o elemento gregário; resta saber onde está nela o elemento separativo. (...)

Ora o espírito separativo, antigregário, tem, é claro, duas formas: o afastamento dos outros, e a imposição do indivíduo aos outros, a sobreposição do indivíduo aos outros – o isolamento e o domínio. Destas duas formas a segunda é que é a forma social, pois isolar-se é deixar de ser social. A arte, portanto, é antes de tudo, um esforço para dominar os outros.

(...) Há uma arte que domina captando, outra que domina subjugando. A primeira é a arte segundo Aristóteles, a segunda a arte como eu entendo e defendo. A primeira baseia-se naturalmente na idéia de beleza, porque se baseia no que agrada (...). A segunda baseia-se naturalmente na idéia de força, porque se baseia no que subjuga (...).

O artista verdadeiro é um foco dinamo-gênico; (...).

(Álvaro de Campos – PESSOA, OPr: 242-244)

Um belo dia, admirando o conceito de “cultura”, Georg Simmel (1911) a definiu como “o caminho da alma de si para si mesma”. Trata-se de uma metáfora para apresentar o caráter circular, orbital, reflexivo da cultura: subjetividades são objetivadas, por exemplo num quadro, que poderá canalizar o desenvolvimento de outros sujeitos, os quais, por sua vez, produzirão e reproduzirão novos objetos culturais... Ante uma pintura que nos arrebate, podemos abandonar um turbilhão de subjetivações em prol de uma objetividade que melhor enquadre nossos anseios – substituindo enquadrar por *dominar-reger*, temos a ética de palavras de Álvaro de Campos.

Às vezes a regência é tão brutal que chegamos a sentir que o artista “plagiou” exatamente o que gostaríamos de dizer, só que muito antes de nascermos para poder justamente processá-lo. E tal sensação pode acometer mesmo os poetas mais criativos – o que talvez explique por que Fernando Pessoa (C: 102) repetidamente invoca Mário de Sá-Carneiro como “Ó desgraçado, ó desgraçado!”, numa carta talvez nunca enviada. Sá-Carneiro “desgraçado” por escrever tão bem!

O leitor sensato, preocupado em ler a carta inteira, argumentará que esse hipotético ciúme não se encontra de modo algum na prosa de Pessoa, que, em verdade, reprova Sá-Carneiro por se rebaixar a bajulações provincianas e não por se elevar aos píncaros da criatividade. Além disso, pensará o leitor que nossa hipótese de ciúmes de Pessoa é que são os verdadeiros ciúmes, numa tentativa de diminuir Pessoa atribuindo-lhe ciúmes hipotéticos, como se gritássemos intimamente “Ó desgraçado, ó desgraçado ladrão de poemas que desejávamos fazer e por ti já foram feitos!”.

Não poderemos negar a sensatez e a perspicácia do leitor...

Em vez disso, apresentaremos a teoria da *gravitação universal dos nomes*, arrematando a exposição da Regência desta Sintaxe re-visada como Ética. Assim como poemas de Pessoa regem nossos comprometidos sentimentos, igualmente as partículas da linguagem regem umas às outras, segundo uma lei observada por Isaac Newton no século XVII e só recentemente aplicada à linguagem com a *Gramática de Valências* (1986) – sendo o próprio conceito de "valência" já usado na físico-química, para indicar o número de ligações que um átomo pode fazer...

Na gramática, a valência de um verbo é também a quantidade de ligações que ele pode fazer... a extensão mesma de sua regência, legalizada pela equação de Newton para a Gravidade:

$$G = \frac{C_g \quad m_a \quad M_b}{d_{ab}^2}$$

Lendo os símbolos equacionados, temos que a Gravidade (G) é igual à *Constante gravitacional* (Cg) multiplicada pelo produto das *massas polarizadas* (ma: a massa menor ou regida & Mb: a Massa Maior ou Regente), dividida pela *distância entre "a" e "b" elevada ao quadrado*. Agora interpretando a equação, digamos que a força gravitacional entre duas partículas é diretamente proporcional ao produto de suas massas e inversamente proporcional ao quadrado da distância entre elas. Exemplificando: se duplicarmos uma das massas, a gravidade duplica,

ao passo que se duplicarmos a distância, a gravidade se reduz a um quarto (por dois ao quadrado).

Mas como auferir a Massa de um verbo e as massas de seus complementos? Ora, *massa* é um princípio de inércia, um hábito, uma órbita normal – é a valência do nome dicionarizada pela história da linguagem. Um verbo que, numa ocasião, exija dois complementos gera uma *G* maior do que o que rogue apenas um... Atenção, porém, ao fato de as valências não serem absolutas, e um verbo eventualmente poder mudar de transitividade, como veremos – sem falar que re-conheceremos (na Etimologia) os próprios complementos como verbos disfarçados!

Por ora, detenhamo-nos em a gravidade quadradamente diminuir com a distância... o que esclarece por que um verbo tem sua regência enfraquecida quando distanciado do sujeito que lhe é sujeito. Distanciando, por exemplo, o sujeito “Ele” do verbo “sujeitou-se”, veja o que ocorre:

ELE, homem destacado entre os oficiais que assaltaram o castelo da gramática sem mover um pólo sequer de subordinações adjetivas, mas, sim, indo direto ao próprio ponto nuclear, no fim das contas SUJEITOU-SE ao predicado nominal do Regente.

Para não ficar só nesse exemplo, chamemos ilustrações de Mario Perini:

- I. **Os meus pretensos amigos de Belo Horizonte.**
- II. Os meus amigos [de Belo Horizonte] pretensos.
- III. Meus [os] pretensos amigos de Belo Horizonte.
- IV. Os meus [de Belo Horizonte] amigos pretensos.
- V. Meus amigos pretensos de Belo Horizonte [os].

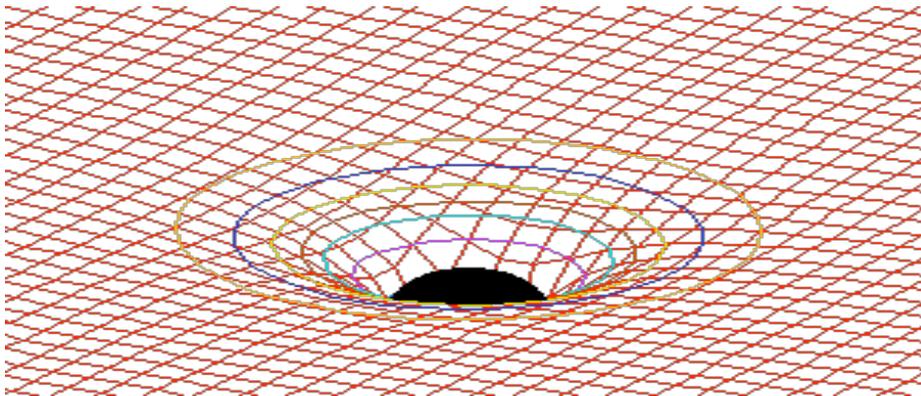
(PERINI, 2002)

Tratando os nomes como tão regentes quanto verbos (mais tarde os trataremos realmente como verbos), repararemos como, na frase I (a única cotidiana) a partícula AMIGOS rege a gravitação de todas as demais aos seu redor. Nas outras frases, a ruptura de órbitas convencionais faz a sintaxe ser rechaçada como sem sentido...

Em II e IV, deslocar “de Belo Horizonte” faz com que, ora “pretensos”, ora “os meus” fiquem distanciados demais de “amigos” para se deixarem reger prosaica e inequivocamente.

Em III, a inversão de uma órbita tão costumeira (“os meus” por “meus os”) enfatiza, logo potencializa o primeiro termo da inversão (são !MEUS! os amigos...) – mas como nada mais na frase apóia o termo invertido, sua sintaxe é descartada como ruído. No caso V, “os” é tão distanciado (do início passa ao fim) que parece já fora de órbita, um asteróide desgovernado...

Após verificar que a lei de Newton não valia numa concepção mais ampla de universo, Einstein reformulou a teoria da Gravidade, de modo a podermos resumi-la num simples desenho:



O buraco na figura, parecendo um ralo a puxar água, é causado pela massa de qualquer objeto: nesse sentido, em vez de pensarmos que as coisas se atraem, re-pensamos que *a potência de uma partícula deforma o espaço ao seu redor*, de modo que os passantes próximos caem sob sua regência: num instante se polarizam como que disputando quem será o positivo, mas acabam rendidos à sua jurisdição, tendendo a assumir alguma órbita, uma inércia, um sinal negativo.

Tal concepção da regência, além de iluminar muitos problemas de ambigüidade, pode nos fornecer alguma defesa para nossa desabrida atribuição de ciúmes a Fernando Pessoa: tão próximos estamos do poeta, que temos de arcar com a força de sua regência. Belamente se disse:

Assim, em toda poesia, uma palavra é como um sol [astro-rei, regente], com sua coroa e sua cromosfera; as palavras se vão ajuntando, envolvem-se umas às outras em seus invólucros luminosos, até que as sentenças se tornem faixas de luz radiantes e contínuas.

(FENOLLOSA, 1919: 135-6)

*

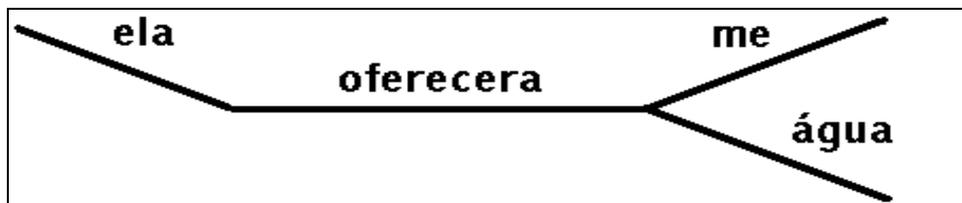
* *

**Sûtra 2.2. Três Funções da linguagem
são Semente, Hera e Abelha – a Etimologia é o seu estudo.**

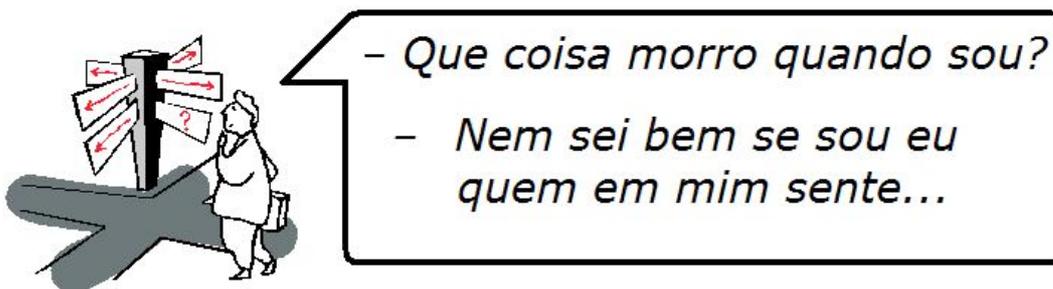
Nem sei bem se sou eu quem em mim sente.

(Álvaro de Campos, 1913 – PESSOA, *AC-CB*: 6)

Pensando na regência de uma partitura musical, o brasileiro José Oiticica (1952), um lógico anarquista (sic!), repensou a sintaxe em linhas rumo a um verbo, como afluentes dum rio.



Contudo, ante frases quais a de Álvaro de Campos, a partitura se complexifica, e ficamos ante encruzilhadas, desencontros de setinhas... Como saber quem rege quem nas frases:

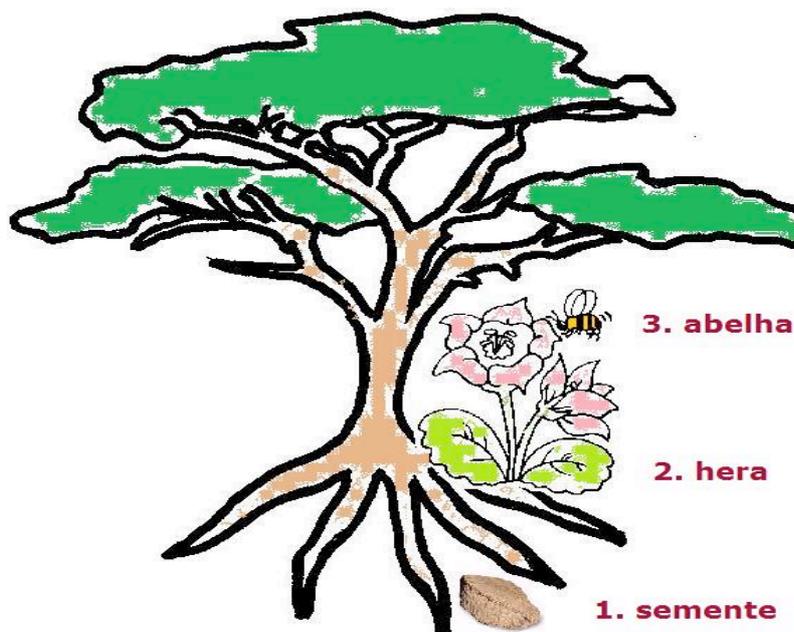


As linhas de força, entretanto, não são exclusivas das frases – de maneira que podemos investigar os vetores no interior dos vocábulos. De quantos esforços uma palavra é formada? Qual a sua menor unidade, seu *átomo*? A palavra *átomo* é um antigo termo de especulação filosófica usado, por exemplo, por Demócrito,

para representar a partícula irreduzível da matéria – em grego significava justamente *a* (não) + *tomos* (partição), ou seja, *indivisível*, como as aparentemente inquebráveis peças do brinquedo *Lego*, com que podemos montar e desmontar formas incontáveis, embora as peças sejam bastante simples -- ou exatamente por serem simples.

Assim, os mesmos átomos do nariz do leitor um dia podem ter habitado o rabo de um *Tiranossaurus Rex*. Assim também com os átomos de nomes (verdadeiras moléculas) como “Tiranossaurus Rex”: aqui percebemos as partículas “tirano” (de tirania), “sauro” (de dinossauro) e “rex” (de rei, regente, regência). Na linguagem, os átomos são os *étimos*, donde vem *Etimologia* – a *logia* ou o esforço de estudar os *étimos*, as raízes dos “sentidos verdadeiros da linguagem”. Propositadamente com-fundiremos a Etimologia com a *Morfologia* (a “logia” das formações) e com a chamada *Análise Sintática* (o desprendimento dos batalhões verbais)...

Étimos, radicais ou verbos... veremos a todos como *sementes*. Actantes, afixos ou modificadores serão aqui *heras* imbricando-se na germinação de tais sementes. Circunstantes, satélites e conectivos, aqui serão chamados *abelhas*, executando sua função ao redor das flores de heras e sementes arvoradas. Sementes, heras e abelhas – 3 funções da linguagem.



*

* *

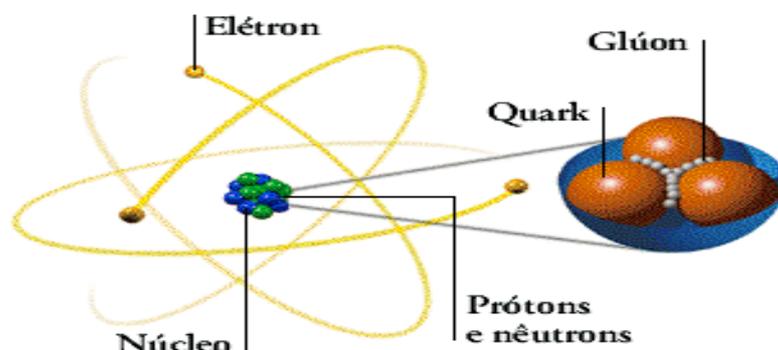
Sûtra 2.2.1. **Semente é a função do átomo: raiz ou cometa da Etimologia.**

→ A ortografia etimológica é a expressão gráfica da continuidade da nossa civilização e da nossa cultura com a civilização dos gregos e dos romanos, em que aquelas tiveram origem e têm vida.

→ Quando a palavra derivada toma um sentido absolutamente diferente da palavra original, ou, não o tomando verdadeiramente, passa contudo a pronunciar-se de uma maneira que não pode haver conformidade alguma entre ela e a palavra radical, então essa palavra trata-se como se fosse nacional, desprezando-se a origem etimológica, Estão neste caso as palavras seguintes: dono e dona (de dominus e domina), agora (de hac-hora).

(PESSOA, LP: 75 e 81)

A etimologia de “átomo”, em 1805, foi revivida pelo químico britânico John Dalton e definitivamente incorporada à ciência. É muito curiosa a semelhança de "átomo" com "étimo", termos ambos gregos, com acentuação idêntica e apenas duas vogas trocadas. Mas isso não passa de *falsa etimologia*... Pois, “étimo” é uma partícula radical (doravante "semente" em nossa nomenclatura), ao passo que “á-tomo” pode ser repartido em “a” (não) mais “tomos” (partido) – ironicamente revelando o contrário da indivisibilidade que pretende dizer. E, de fato, o átomo foi quebrado em elétrons, prótons e nêutrons, os quais por sua vez se fragmentaram numa enxurrada de partículas menores, dos quais os famosos *quarks* são só um exemplo... Aliás a etimologia de quarks curiosamente remonta aos fragmentos de sentido do livro “*Fineggans Wake*” de James Joyce: “3 quarks pro Senhor Mark”.



Tamanho entrelaçamento etimológico de Física e Literatura nos leva a questionar se há veridicamente falsidade nas “falsas” etimologias. Quiçá Deleuze-Guattari nos ajudem:

Certos [filósofos] solicitam os arcaísmos, outros os neologismos, transpassados de exercícios etimológicos quase loucos: a etimologia como atletismo propriamente filosófico. Há de haver em cada caso uma estranha necessidade dessas palavras e de sua escolha, como elemento de estilo.

(DELEUZE-GUATTARI, 1991: 13)

O resgate e a revitalização das palavras pode ser mais importante do que sua legitimidade etimológica: os poetas não precisam de permissão ao dicionário para justapor “átomo” e “étimo” – basta pronunciá-los para perceber a grande afinidade. Estaremos anarquizando a gramática?

Costumamos atribuir raízes às palavras – e registrar sua história em dicionários etimológicos. Reinaldo, Reginaldo e Regina viriam todos de *Rex*, *Regis*, o “Rei” em Latim, donde vieram Regente, Reino, Rainha, regimento, Regime, Registro, Réis... que não usamos só para compor nomes de pessoas, mas também para dar sentido a expressões como “Rei das Tintas”, “Rei Roberto”, “Rei de Copas” – cada um regendo seus reinos à sua maneira, com tropas e castelos de matéria mui distinta das dos reis latinos para os quais se inventou a palavra. Mas quem garante que a palavra surgiu aí? Nenhum dicionário registra todos os empréstimos entre o Grego e o Latim: por exemplo, *semente* vem da raiz latina “seme” e *semântica* vem da grega “sema” – e nenhum dicionário se atreve a dizer que as raízes se encontram em algum sentido no subsolo da História. Mas, se um poeta quisesse estudar sânscrito e descobrisse a raiz “sama”, poderia ficar eufórico: não só pela semelhança fônica, mas porque os sentidos das três partículas compõe um sistema de admirável beleza: a semente guarda potencial semântico, de um modo “denso”, que se revela por “sama”, raiz sânscrita para “juntar”, “ligar”...

Eis que o étimo é como o mito, um “nada que é tudo” na mensagem de Fernando Pessoa, assim como na (in)definição do projectivista Robert Duncan: *o primordial como fonte que jorra!*

Se o jorro não cessa, como definir a raiz de uma raiz? Na semente ou no fruto? No verbo, na oração principal, ou no sistema maior de uma oração geral? Mas, por que não num mero som?

As dúvidas cessam quando nos levam a perceber que o átomo é uma função... que pode ser infinitamente grande, se reconhecemos uma unidade em

tudo (como fazia Pessoa ele mesmo) ou infinitamente pequeno, se fragmentamos cada coisa como sendo "o que nada mais é" (como fazia Alberto Caeiro). Em todos os níveis podemos ver a unidade de um átomo reger satélites ao seu redor, ou uma semente arvorar o reino de ser abraçada por heras e circundada por abelhas.

A mera letra Z, por exemplo, pode funcionar como átomo, se devanearmos com Vico:

ao mesmo tempo em que se formou o caráter divino de Zeus, que foi o primeiro dentre todos os pensamentos humanos da gentildade, contemporaneamente começou a fundar-se a língua articulada com a onomatopéia, com a qual (...) ainda se exprimem felizmente as crianças. Esse Zeus foi pelos latinos, pelo fragor do trovão, denominado IOUS. E, pelo sibilar do raio, pelos gregos denominou-se ZEUS. Pelo rumor que o fogo apresenta onde quer que queime, denominou-se entre os orientais UR, de onde procede URIM, que é a potência do fogo. Dessa mesma origem deve ter provindo para os gregos a denominação OURANÓS para o céu.

(VICO, 1744: 111)

Por que não ler Z e S como raios, se esse pensamento pode energizar nossa linguagem? Enquanto um cometa se enraizar na Terra, trovejará sentidos Zaratustra:

Onde está o raio que vos lamba com sua língua?
Onde, a loucura com que deveríeis ser vacinados?
Vede, eu vos ensino o super-homem:
[porque é ele esse raio e essa loucura!

(NIETZSCHE, 1890: 31)

*

* *

**Sûtra 2.2.2. *Hera* é a função do modificador:
actante ou meteoro da Etimologia.**

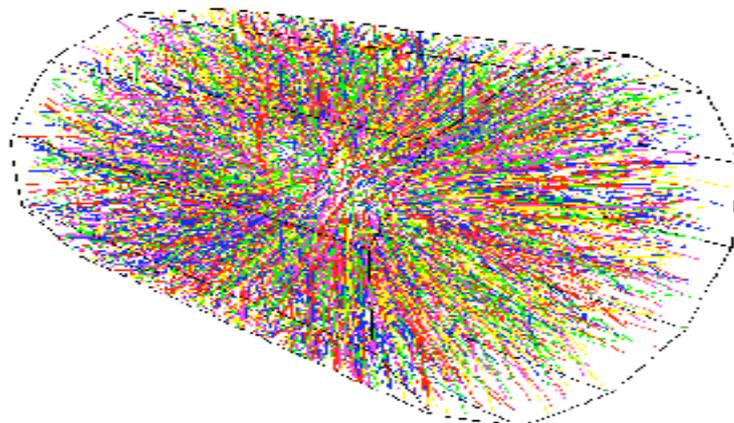
Durmo e desdurmo.

(Bernardo Soares – PESSOA, *LD*: 67)

“Des” foi afixado por Bernardo Soares a “durmo”, e podemos dizer que isso “funcionou”. A prova é uma graça sentida ou um riso esboçado, perante resumirem assim a sensação de que a vigília é um tipo de sono, só que não-entregue e algo debatido, desassossegado, des-dormido.

Haverá um princípio para o funcionamento desta máquina de afixações? O mecanismo mais simples, mesmo rudimentar que imaginamos, é algo que toda criança em fase escolar conhecerá: trata-se do papel higiênico molhado no teto do banheiro do colégio. Alguém molha o papel e o arremessa empapado de encontro ao teto: quanto cola e quanto se descola? Quanto tempo dura uma afixação significativa? Quantas eras se sustenta uma hera de papel?

Ora, este é o mesmíssimo princípio do mais moderno acelerador de partículas: *pro-mover* o bruto *em-contro* de duas partículas em alta velocidade – e ver no que dá. Só que as partículas são minúsculas e os recursos tecnológicos, caríssimos. Chocando-se dois núcleos de ouro, temos:



Cada linha de cor diferente é o sentido de uma partícula distinta que se revela ao desgarrar-se da regência do sistema atômico antigo – numa enxurrada de derivações que nos leva a fantasiar sobre o BIG BANG primordial. Ou sobre o Verbo que *Era* no início. Pois também as derivações da linguagem não parecem ter limite... De repente, como um núcleo atômico que se fragmenta, o *próprio*

radical de um vocábulo se altera, assim como suas propriedades derivadas se vão tornando radicais, capazes de reger, por si mesmas, novas derivações... Numa tradução poética: as *heras* abraçadas aos troncos podem florir e gerar sementes *próprias*... Assim os signos proliferam, como Deleuze (1970) percebeu no rizoma que era a obra de Proust.

Fragmentando, assim, a palavra ‘re-conhecer’, re-conhecemos a hera “re” sobre a semente do “conhecer”, e podemos re-ligar o “re” a muitas outras coisas por nós *re-conhecidas*.

Mas não haver limite não significa que a etimologia não siga princípios. Aliás, a crença nos princípios é o que leva físicos a gastar bilhões para ver no que dá jogar isso contra aquilo.

Afixo é uma semente de subordinação: uma hera. Afixar é pôr índices de pertencimento de uma coisa ao seu regente. Mas a hera também é semente com potência própria, e sua subordinação só se revela depois do encontro com uma parede ou árvore entroncada – e isso não significa que a hera seja essencialmente negativa. Por exemplo, o "verde" da “laranja verde” não é inferior à "laranja" – tamanha é a sua força de independência que não cala a tensão que “verde” causa na fruta-cor "laranja", prestes a lhe tirar a regência numa mera inversão: quando a "laranja verde" se torna um "verde laranja", um verde alaranjado...

Veja-se que o modificativo ou adjetivo é algo positivo... Só porque um geralmente domina é que negativamos o dominado – tal como Nietzsche observa, em sua genealogia da moral, a ética dos servos como inversão dos valores senhoriais. Aqui, sub-des-invertendo Nietzsche, inverteremos a ética dos senhores como só fazendo sentido enquanto puder servir... Só quando a violência finge que domina é que a não-violência é tida por seu oposto, porque governar significa, na realidade, servir – como advertem os hexagramas do *ICHING* (WILHELM, 1956).

A etimologia visual dos ideogramas chineses não cessa de reiterar que o regente serve ao significado – e assim a própria imagem do Sol Rei serve à transformação das palavras:



Se jogarmos “vermelho” contra “rubro” num acelerador de partículas do Português, teremos uma série de etimologias aceitáveis e outras nem tanto: avermelhar, enrubescer, ruborizar, verrume, verme, ver, melhor... Se acelerarmos, porém, o ideograma chinês para tal cor, surge uma série de outros ideogramas, regentes de outras séries, mas que aqui se democratizam:

rosa [flor] + **flamingo** + **ferrugem** + **cereja** [fruta] = **vermelho**

Do encontro desses tons, cada qual com uma potência seminal, constrói-se o **vermelho**. Cada nome gere um potencial que, transitando pelos potenciais vizinhos, dá o tom geral da idéia. Desta perspectiva, deixa de fazer sentido caçar o termo negativo... que também tem seu esforço, que só parece negativo pela polarização junto a outro regente ou *actante* (MOURA NEVES, 2000).

Estamira, descoberta pelo fotógrafo e cineasta Marcos Prado (2005), era catadora de nossos restos no lixão de Jardim Gramacho. Estamira sabia muito bem catar os fragmentos de sentido que julgamos *lixo inerte* das palavras, e os acelerar... revelando, por exemplo, a conveniência sintomática de nossa *inocente* negação dos negativos:

A minha missão, além d’eu ser Estamira, é revelar a verdade, somente a verdade. Seja mentira, seja capturar a mentira e tacar na cara, ou então ensinar a mostrar o que eles não sabem, os inocentes... Não tem mais inocente, não tem. Tem esperto ao contrário, esperto ao contrário tem, mas inocente não tem não.

(Estamira, In: PRADO, 2005)

*
* *

Sûtra 2.2.3. *Abelha é a função do circunstante: satélite ou órbita da etimologia.*

→ A hora harmoniza-se numa sensação inquieta, desde a invisibilidade visível de tudo até à madeira vagamente rugosa de ter estalado a tinta velha do parapeito branquejante, onde está estendidamente apoiada de lado a minha mão esquerda.

→ “De que é que você está a rir?”, perguntou-me sem mal a voz do Moreira de entre para lá das duas prateleiras do meu alçado.

→ Por sobre de onde vejo há ramos negros de árvores

(Bernardo Soares – PESSOA, *LD*: 84, 415 & 417)

Comecemos pela citação do meio: surge uma pergunta (1) que vem de uma voz (2) que é do Moreira (3) cuja presença (4) se faz sentir do lado (5) de lá (6) da passagem (7) de entre (8) das duas prateleiras (9) do alçado (10) do narrador (11)... Os de's e os que's (mais o cuja), tradicionalmente preposições e pronomes relativos, são como que zumbidos indicando as abelhas que gravitam ao redor de uma régia flor, que nesse caso também não passa de uma abelha perfumada, numa série de órbitas dentro de órbitas que só um mestre de poética sabe reger...

A primeira e terceira citações ficam como desafios de Etimologia ao leitor.

Satélites como os acima introduzidos por "de" e "que", vagando em órbita costumeira, deixam de ser percebidos em suas funções primeira-e-segunda de semente-e-hera (rei-e-actante, ou regente-e-pólo). Daí surgem classificações e dicionários que tomam a função-satélite como essência mesma de uma palavra, constrangida sob um rótulo qualquer. Mas:

Na sentença transitiva primitiva como “O lavrador pila o arroz”, o agente e o objeto são substantivos apenas na medida em que limitam uma unidade de ação. “Lavrador” e “arroz” são simplesmente termos fixos que definem os extremos do ato de “pilar”. Mas em si mesmos, fora dessa função na sentença, são naturalmente verbos. Lavrador é o indivíduo que cultiva a terra, e o arroz é uma planta que cresce de uma maneira especial. (...) um substantivo é originalmente “o que faz alguma coisa”, o que realiza a ação verbal. Assim, a lua (moon) vem da raiz [sânscrita] *ma* e significa “o medidor”. O sol (sun) significa aquele que gera.

(FENOLLOSA, 1919: 119)

Logo, o satélite não passa de uma junção habitual, da função indicativa ou delimitadora de um poder semeador. Em “saiu aquele que semeia a semear a sua semente” (Lc VIII: 4), os fatos de "haver alguém a semear", de "esse alguém ter já saído num passado", de "levar uma semente" e de "a semente ser sua" delimitam a potência transbordante do verbo “semear”... como mourões de uma cerca, indicando uma porção de terra que, por baixo, sempre os ultrapassa -- assim como um enxame de abelhas solidifica a colméia para conter a energia do mel, cujo perfume, no entanto, vareja longe... até ao nariz do urso faminto.

Cada semente é uma possibilidade de ação que ora vaza, ora confronta um outro vazamento, ora serve de árbitro para a confrontação de dois pólos semeadores. A “chuva”, por exemplo, tem a mesma raiz ativa de "chover", mas nos acostumamos a conter sua flexão de tempo, classificando “chuva” como um “substantivo” de natureza distinta de “chover”. Por quê?

Ora, quem faz muros entre as coisas deve estar querendo proteger algum “valor”:



Esta obra de Arthur Bispo do Rosário, internado como louco durante décadas a fio, diz, sobre a limitação dos satélites, muito mais do que a explicação que já não precisaremos dar.

Assim, ganhamos tempo para abrir a primeira “Grammatica de Linguagem Portugueza”, de 1536, do brilhante Fernão d’Oliveira, que escrevia o Português exatamente como falava:

*abaixo da citação original, segue uma versão com a ortografia atualizada.

mais tempo tẽ esta letra vogal .a. grande ẽ .gasto. que em .gato. e mais tẽ esta letra.e. ẽ .presto. que ẽ .perto. e não mais que por as mais consoantes que trazẽ. (...) porque naõ muda a voz se naõ por respeito das consoantes mais ou menos: ou por qualq̃r outra vezinhãça de letras q̃ cõelle se ajũtaõ gasta mais ou menos tempo e aparece mais ou menos a sua voz como: escreueste: memorea: mais soa .e. pequeno na penultima de .escreueste. q̃

de .memorea. porque ã .escreueste. tã adiante na mesma silba hã letra consoãte .s. e ã .memorea. tã logo outra vogal ã outra silba a qual lhe tira parte da voz porq̃ **dois çapateiros vezinhos abatẽ a vãda hã oo outro: e os estados baixos jũto cõ os poderosos parecẽ muito menos:**

[grifo nosso]

(OLIVEIRA, 1536, 54-6)

mais tempo tem esta letra vogal "a" grande em "gasto" que em "gato", e mais [tempo] tem esta letra "e" em "presto" que em "perto", e não mais que por [por = devido a] as mais consoantes que trazem. (...) porque não muda a voz senão por respeito das consoantes mais ou menos; ou, por qualquer outra vizinhança de letras que com ela se ajuntam, gasta mais ou menos tempo -- e aparece mais ou menos a sua voz, como [em]: escreveste & memórea [sic]: mais soa "e" pequeno na penúltima de "escreveste" que [na] de "memórea" -- porque, em "escreveste", [o "e"] tem adiante, na mesma sílaba, uma letra consoante "s" e, em "memórea", tem logo outra vogal em outra sílaba, a qual lhe tira parte da voz, porque **dois sapateiros vizinhos abatem a venda um ao outro: e os estados baixos junto com os poderosos parecem muito menos:** [grifo nosso]

*tanto é verdade que, a força do "a" final da antiga forma "memórea" forçou, ao longo da História do Português, o sapateiro-fonético vizinho "e" a dobrar-se em semivogal "i", tornado o hiato em ditongo: "memória".

Resumindo as notáveis observações de nosso primeiro gramático, diremos que há uma *Sintaxe Fonética*: não apenas os supostos átomos de morfemas regem morfemas, mas também os quarks sonoros neles descobertos promovem gravitação com satélites próprios... A Etimologia da Sintaxe como Ética é, pois, a experiência das afecções das partículas lingüísticas, sejam elas quais forem... Se de étimos microscópicos se formam palavras, há textos macroscópicos que as palavras podem formar. A gravitação geral dos nomes que o poeta sufi Rumi canta:

Vê como as partículas do ar
e os grão de areia do deserto
giram desnorteados.

Cada átomo,
feliz ou miserável,
gira apaixonado
em torno do Sol.

(RUMI, XIII: 149)

*

* *

Sûtra 2.3. Três processos de *Concordância do satélite* são Ideologia, Nonsense e Normalidade.

Remoinhos, redemoinhos, na futilidade da vida! Na grande praça ao centro da cidade, a água sobriamente multicolor da gente passa, desvia-se, faz poças, abre-se em riachos, junta-se em ribeiros. Os meus olhos vêem desatentamente, e construo em mim essa imagem áquea que, melhor que qualquer outra, e porque viria chuva, se ajusta a este incerto movimentos.

Ao escrever esta última frase, que para mim exactamente diz o que define, pensei que seria útil pôr no fim do meu livro, quando o publicar, abaixo das “Errata” umas “Não-Errata”, e dizer: a frase “a este incerto movimentos”, na página tal, é assim mesmo, com as vozes adjectivas no singular e o substantivo no plural.

(Bernardo Soares – PESSOA, *LD*: 112)

Primeiro *idealizemos*, depois *sintamos* e enfim *normalizemos* três estágios da concordância... Quais? Ora, esses mesmos: primeiro uma concordância *idealógica*, seja qual for o ideal – cuja perspectiva, em potência, pode fazer concordarem sejam quais forem as aparentes extravagâncias sintáticas. Em segundo lugar, o ideal primeiro encontra a brutalidade de um segundo e, embora sinta sua concretude, não logra unificar sentido algum – eis o *nonsense* (não-sentido), pois na perspectiva da dualidade o segundo não se reduz ao primeiro... Num terceiro momento, um olhar desejoso de promover as pazes entre o ideal primeiro e o nonsense (nada mais que o ideal-outro, às vezes apelidado “material”), decide fazer um dicionário para normalizar as fronteiras entre os *encontrados*... Daí surgirão as convenções de regência verbo-nominal, assim como hábitos (chamados leis ou regras) de concordância...

Exemplo das três idades da concordância são as palavras do profeta Gentileza pintadas na proximidade da *Rodoviária do Rio de Janeiro*, como as que reproduzimos na primeira página desta Sintaxe. Toda a vida de Gentileza concordava com o ideal de que *gentileza gera gentileza*. Na dualidade de nosso mundo cotidiano, este ideal encontra outros ideais, como o da violência, para o qual a gentileza só será sentida como nonsense – ao que chegamos à secundidade da concordância (neste estágio também chamada “*discordância*”). Num terceiro momento, alguém verá que, tal como gentileza gera gentileza, violência também só gera violência -- sendo preciso, pois, escrever uma nova Sintaxe para redefinir os territórios de uma e de outra.

Gentileza andava pelas ruas com um estandarte culminando em catavento e com uma tábua de mão cercada de flores, em que se lia o seguinte desafio de concordância para o leitor:

- AS FLORES É PORQUE EU SOU O JARDIM AMBULANTE.
- VOCÊS SÃO A FLOR DO MEU JARDIM.
- AGORA O CATAVENTO É PARA REFRESCAR
[A MENTE DA HUMANIDADE.

(GENTILEZA, In: ONG Gentileza gera Gentileza, 2000)

*
* *

**Sûtra 2.3.1. *Ideologia* é a concordância da intuição:
Primeiridade ou adivinhação do satélite.**

Do lado do oriente, entrevista, a cidade ergue-se quase a prumo falso, assalta estaticamente o Castelo. O sol pálido molha de um aureolar vago essa mole súbita de casas que para aqui o oculta. O céu é de um azul humidamente esbranquiçado. A chuva de ontem talvez se repita hoje, mas mais branda. O vento parece leste, talvez porque aqui mesmo, de repente, cheira vagamente ao maduro e verde do mercado próximo. Do lado oriental da Praça há mais forasteiros que do outro. Como descargas alcatifadas, as portas onduladas descem para cima; não sei porquê, é assim a frase que me transmite aquele som. É talvez porque fazem mais esse som ao descer, porém agora sobem. Tudo se explica.

(Bernardo Soares – PESSOA, *LD*: 113)

Atenção: não escrevemos erradamente “ideAlogia” quando queríamos escrever “ideOlogia”. Parece-nos que a concordância *ideOlógica* já se tornou uma concordância *normal*, constringendo-se a significar apenas o ideal da “luta de classes” – que não pode ser o único, já que existiram pessoas como Gentileza, que não deixaram de sofrer todos os males da ideologia materialista (Gentileza foi torturado), mas nem por isso deixaram de viver outro ideal.

Também Arthur Bispo do Rosário é ideAlógico e sua poesia, perfeitamente concordante com sua vida – embora a concordância seja feita de intuição tão além da correção ortográfica:

*abaixo da citação original, segue uma versão com a ortografia e pontuação convencionais.

22 DEZEMBRO 1938 – MEIA NOITE ACOMPANHADO POR – 7 – ANJOS
EM NUVENS ESPECIAES FORMA ESTREITA – MIM DEIXARAM CASA NOS
FUNDO MURRADO RUA SÃO CLEMENTE – 301 – BORAFOGO ENTRE
AS RUAS DAS PALMEIRAS E MATRIZ EU COM LANÇA NAS MÃO NESTA
NUVES ESPÍRITO MALISMO NÃO PENETRARA AS 11 HORAS ANTES DE
IR AO CENTRO DA CIDADE NA RUA PRIMEIRO DE MARÇO – PRAÇA –
15 – EU FIZ ORAÇÃO DO CLEDO NO CORREDOR PERTO DA PORTA –
VEIO MIM – HUMBERTO MAGALHAES LEONI – ADVOGADO MESTRE
PARA ONDE EU IA PERGUNTOU EU VOU MIM APRESENTAR – NA
IGREJA DA CANDELÁRIA ESTA FOI MINHA RESPOSTA (...)

(HIDALGO, 1996: 11)

22 DEZEMBRO 1938 – MEIA-NOITE, ACOMPANHADO POR – 7 – ANJOS
EM NUVENS ESPECIAIS, FORMA ESTREITA – ME DEIXARAM [EM] CASA NOS
FUNDOS, MURRADO, RUA SÃO CLEMENTE – 301 – BOTAFOGO, ENTRE
AS RUAS DAS PALMEIRAS E MATRIZ. EU COM LANÇA NAS MÃOS, NESTA
NUVENS, ESPÍRITO MALISMO NÃO PENETRARA. ÀS 11 HORAS, ANTES DE
IR AO CENTRO DA CIDADE, NA RUA PRIMEIRO DE MARÇO – PRAÇA –
15 –, EU FIZ ORAÇÃO DO CREDO NO CORREDOR PERTO DA PORTA –
VEIO [A] MIM – HUMBERTO MAGALHÃES LEONI – ADVOGADO MESTRE,
PARA ONDE EU IA PERGUNTOU; EU VOU ME APRESENTAR – NA
IGREJA DA CANDELÁRIA... ESTA FOI MINHA RESPOSTA (...)

Bispo do Rosário está descrevendo o dia em que teve a revelação do seu Ideal, decidindo apresentá-lo na Igreja da Candelária, em que foi considerado louco e de onde foi encaminhado para o hospital psiquiátrico *PINEL*. Entre altas e reinternações, Bispo acabaria por passar a maior parte da vida noutro hospício, a *Colônia Juliano Moreira* – onde confeccionou as colagens, miniaturas e estandartes que hoje revelam seu ideal pelo mundo todo...

A natureza intuitiva da primeiridade da concordância pode iluminar um fenômeno lingüístico que costumamos relegar aos adornos e anexos da gramática: é a *silepse* dos exemplos “Os Lusíadas é velho” ou “Estados Unidos rege” – em que a idéia de *Os Lusíadas* e os *Estados Unidos* serem, sabidamente, nomes de *um livro* e de *um país*, permite-lhes concordar no singular em vez de no plural. Assim, adivinhamos os satélites implícitos que gravitam ao redor do verbo só aparentemente alheio aos nomes.

A Ideologia, no entanto, não finda nesses limites -- e nem o mais normativo dos gramáticos poderá restringir sua potencialidade de adivinhar satélites possíveis e impossíveis:

Encrespem-se os críticos e ralhem quanto quiserem. Em todos os tempos, as obras que mais acendem as iras dos gramáticos são as que perduram.

Desse modo, o prosador José de Alencar rebatia as críticas a seu livro *Ubirajara*, que fundia o Tupi ao Português e, em 1874, usava “me diga” e “cheguei em casa” em vez dos recomendados “diga-me” e “cheguei a casa”. O caso é que o Brasilianismo, projeto de vida de Alencar, tornava coerentes as suas opções gramaticais. Na obra de Fernando Pessoa, os heterônimos escrevem de acordo com suas particulares visões de mundo, permitindo-se frases perfeitamente lúcidas e só aparentemente ilógicas como: “Sou-me”, “Eu me outro”, “Que coisa morro quando sou?”, “Durmo e desdurmo”, “Nem sei bem se sou eu quem em mim sente”, “Que crente serei eu amanhã?”, “Onde está Deus, mesmo que não exista?”...

Por que José de Alencar e Fernando Pessoa, mestres da Língua Portuguesa, podiam escrever contra as regras tradicionais e os alunos não? Sempre ouço dizer que é porque eles conheciam tão bem as regras da tradição, que poderiam adequá-las aos seus princípios – ao passo que os alunos teriam de conhecer muito bem as regras para poder alterá-las. No entanto, basta estudar os

mais célebres gramáticos normativos para concluir que não há unanimidade sobre quais são as regras “mais corretas”. Além disso, como podemos pensar que os alunos não têm princípios? Como, quando a informação inunda toda parte, podemos manter a falsa etimologia segundo a qual os "a-lunos" seriam aqueles que “não têm luz”?

Logo, cremos e propomos que qualquer conceito de Sintaxe só faz sentido se tiver algum sentido para a vida de alguém. Essa vida do falante, muitas vezes tida por variação superficial é imprescindível para a comunicação – ou o professor falará para as paredes, como constata Rosa Virgínia Mattos e Silva e Maria Helena Moura Neves.

Ou, como percebe e demonstra Gregor Samsa, transformado num imenso inseto no livro *Metamorfose* de Kafka (1916), sem mais poder comunicar-se humanamente com todos ao seu redor, que restringiram seu ideal:

Tornar-se animal (...) achar um mundo de intensidades puras, onde todas as formas se desfazem, todas as significações também, significantes e significados, em prol de uma matéria não formada, de fluxos desterritorializados (...) a zonas de intensidades liberadas.

(DELEUZE-GUATARI, 1975: 24)

Se a fala do humano metamorfoseado quer a liberdade... ao encontrar quem a queira restringir, torna-se *nonsense*, violência, discordância – a secundidade da Concordância.

*

* *

**Sûtra 2.3.2. Nonsense é a concordância da brutalidade:
Secundidade ou experimentação do satélite.**

Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de palavrar. As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas. (...)

E, assim, muitas vezes, escrevo sem querer pensar, num devaneio externo, deixando que as palavras me façam festas, criança menina ao colo delas. São frases sem sentido, decorrendo mórbidas, numa fluidez de água sentida, esquecer-se de ribeiro em que as ondas se misturam e indefinem, tornando-se sempre outras, sucedendo a si mesmas. Assim, as ideias, as imagens, trémulas de expressão, passam por mim em cortejos sonoros de sedas esbatidas, onde um luar de ideia bruxuleia, malhado e confuso.

(Bernardo Soares – PESSOA, *LD*: 259)

Se não devanearmos em concordância idealógica com Pessoa, este nosso ideal sedentário (ou não-devaneador) conflitará com o de seus escritos, que, portanto, nos parecerão sem-sentido. Em 1957, o renomado gramático Noam Chomsky cunhou um exemplo de como uma frase pode ter uma sintaxe perfeitamente correta e, ao mesmo tempo, parecer puro nonsense:

1. *Colorless green ideas sleep furiously.*

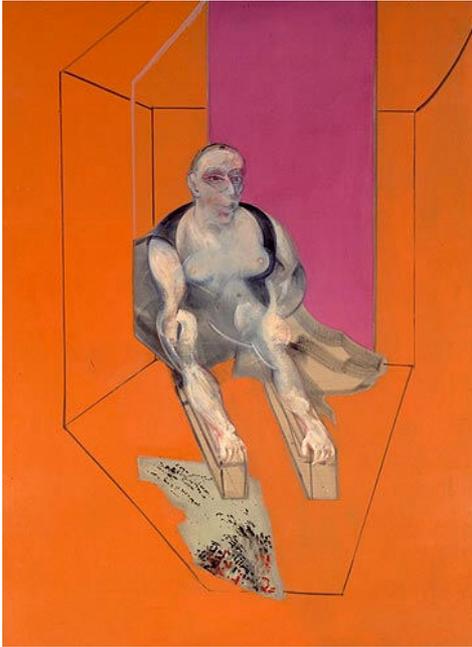
[Idéias verdes descoradas dormem furiosamente]

2. *Furiously sleep ideas green colorless.*

[Furiosamente dormem?/sono? (sic!) idéias verde (sic!) descoradas]

Ao contrário da frase 2, a 1 tem uma sintaxe aceita dita "correta" e, no entanto, parece sem sentido – talvez Fernando Pessoa pudesse criar um contexto para enchê-la de significado; ou, talvez a frase, em vez de sem-sentido, tenha já excessivamente tantos sentidos, que a sensação de nonsense advenha só de nossa ânsia por um sentido restrito, delineadamente semântico.

Pense o leitor num tabuleiro de xadrez, em que, além da sintaxe das peças (seus movimentos codificados) temos as restrições do formato do tabuleiro (como temos formas nos poemas) – e nem por isso as possibilidades de jogo se esgotam. O "menor" tanto pode constranger quanto energizar. Como nos é difícil explicar isso em prosa, pedimos a disponibilidade do leitor para contemplar uma imagem de Francis Bacon (1979):



Como nossa reprodução do quadro não pôde ser maior, tentemos ajudar sua contemplação dizendo que se trata do retrato de uma mulher (Muriel Belcher) como sendo uma esfinge – mas uma esfinge contida num cubículo, ou num heptaedro irregular!

Logo, uma potência monstruosa da natureza contida e, por isso mesmo, com sua energia ainda mais evidenciada pelos limites que a parecem restringir.

No sentido deleuziano, podemos dizer que a sintaxe é *menor* em relação à semântica – porque a constringe, permitindo, no exemplo de Chomsky, a frase 1, mas não a 2. Contudo, a 1, sintaticamente aceitável, já abre as portas do nonsense – que Jean-Jacques Lecercle estuda, a partir da obra de Lewis Carroll, autor de *Alice no País das Maravilhas*. Jogar com a sintaxe, a face bruta ou material da linguagem, impõe constrangimentos reais à interpretação: “subvertendo mas também conformando a linguagem, dando passe-livre à nossa imaginação lingüística, mas também nos impondo as coerções de uma linguagem natural como vingança” (LECERCLE, 1994: 25). Apesar de Carroll ser o escolhido de Lecercle, vejamos um exemplo em Português:

EDD’ORA ADDIO... – MIA SOAVE!...

Aos meus amigos d’ORPHEU

– Mia Soave... – Ave?!... – Alméa?!...
 – Maripoza Azual... – Transe!...
 Que d’Alado Lidar, Canse...
 – Dorta em Paz... – Transpasse Idéa!...

– Do Occaso pela Epopéa...
 Dorto... Stringe... o Corpo Elance...
 Vae A’ Campa... – Il C’or descanse...
 – Mia Soave... – Ave!... – Alméa!...

– Não doe Por Ti Meu Peito
 – Não Choro no Orar Cicio...
 – Em Profano... – Edd’ora... Eleito!...

– Balsame – a Campa – o Rocio
 Que Cahe sobre o Ultimo Leito!
 – Mi’ Soave!... Edd’ora Addio!...

(LIMA, 1915: 86)

Pois bem: eis um *soneto*, tradicionalíssima forma poética – logo, além da Sintaxe, temos um constrangimento extra à linguagem, obrigando-a a rimas e métricas regulares (se nos ativermos à concepção tradicional do “soneto”). Neste poema de Ângelo de Lima, porém, o leitor notará algo estranho: será mesmo um soneto em Português, ou será Italiano? Se não se satisfizer com a vaga sensação de uma alma ascendente, alguém poderá dizer que o autor é louco!

De fato, ele foi muitas vezes internado em Portugal, numa repetição da história do Bispo do Rosário. Sua dedicatória aos amigos da revista *ORPHEU*, porém, não deve passar despercebida: *ORPHEU*, publicada por Fernando Pessoa e outros modernistas, scandalizou quem a leu e a tachou de louca. Como resposta, os poetas decidiram, para o número 2, incluir poemas de gente reconhecidamente louca – o que não quer dizer que Ângelo de Lima não fosse capaz de escrever bem, a ponto de Pessoa elogiar um outro soneto seu como um dos mais belos da língua portuguesa: trata-se do poema em que o Ângelo de Lima descreve, paradoxal e lucidissimamente, a entrada de seu pensamento na loucura, como um cavalo alucinado que não se consegue deter...

Aqui, vem-nos a pergunta: e se tão-só o normal puder ser dito de modo normal, e for preciso uma estrutura nonsense para dizer algo que, para o normal, só pode mesmo parecer sem sentido? Dirá o "normal" melhor? Tentemos:

Minha suave... Ave? Alma minha, alm'minha, "alm'éia"? Mariposa cheia de azul, logo "azual"... súbito em transe! Mariposa que, de alado lidar, isto é, de tanto vagar, canse... Há tempos tão quieta, a dormir em paz... Agora ante a ordem: "Transpasse já rumo à Idéia! Torne-se a si mesmo Idéia!" Chegando ao seu ocaso, através de uma Epopéia... Tão dormido, eis que se estringe o corpo, isto é, aperta-se em dor aguda... Vai à Campa... Que o coração descanse... Minha suave alma, "alméia". Não dói por ti, alma, meu peito; não choro e, sim, a orar cicio... Como poderia estar triste se, outrora profano, agora sou eleito?! Embalsame à campa o rocio que cai sobre o último leito... Minha suave... E agora, a-Deus!

Tentando traduzir com muito mais palavras, perdemos o efeito denso do soneto há pouco aceito como insano. Portanto, releia o leitor quanto sentido pode guardar (quicá propositalmente esconder) o "nonsense" de Ângelo de Lima...

*

* *

Sûtra 2.3.3 Normalidade é a concordância da conformação: Terceiridade ou legalização do satélite.

A gramática, definindo o uso, faz divisões legítimas e falsas. Divide, por exemplo, os verbos em transitivos e intransitivos; porém, o homem de saber dizer tem muitas vezes que converter um verbo transitivo em intransitivo para fotografar o que sente, e não para, como o comum dos animais homens, o ver às escuras. Se quiser dizer que existo, direi “Sou”. Se quiser dizer que existo como alma separada, direi “Sou eu”. Mas se quiser dizer que existo como entidade que a si mesma se dirige e forma, que exerce junto de si mesma a função divina de criar, como hei-de empregar o verbo “ser” senão convertendo-o subitamente em transitivo? E então, triunfalmente, antigramaticalmente supremo, direi “Sou-me”. Terei dito uma filosofia em duas palavras pequenas. Que preferível não é isto a não dizer nada em quarenta frases? Que mais se pode exigir da filosofia e da dicção?

(Bernardo Soares – PESSOA, *LD*: 114)

A concordância ensinada nas escolas como "verbo-nominal" não passa da estabilidade de certos satélites da Sintaxe... A Gramática Tradicional é sinônimo de estabilidade – e de fato é preciso algo estável para se justapor a este mesmo "algo" algum sinônimo, que, sem referencial mais ou menos fixo, jamais poderia para-fraseá-lo, sinonimicamente... Emblema de estabilidade é a Gramática Latina (*De Institutione Grammatica*) do Padre Manuel Álvares, inerte de 1550 até o século XIX, com mais de 400 edições – ilustrando uma tradição que as aceleradas rupturas do século XX (estruturalismos, gerativismos, transformativismos...) nos fazem ler como algo difícil de acreditar. No entanto, a lei da inércia permanece regendo as salas de aula. Se ela é fundamental para a comunicação, poderia, porém, abster-se de querer governar o outro fundamento, igualmente importante, da *inovação* – que com a inércia equilibra a ponte da comunicação, entre o que varia e o que permanece.

Não houvesse sempre outras possibilidades, a linguagem sufocaria em sua própria inércia. Se o trânsito dos verbos fosse impedido, a intransitividade geral nos calaria para sempre no poço de nosso (im)próprio ego. Por que não considerar, ao menos de relance, que todo verbo é naturalmente transitivo e que o intransitivo não passa do transitivo habituado em órbita?!

É muito raro um leitor abrir mão da normalidade de ler junto “sua-mãe” (significando “a mãe dela, da menina”), mesmo sob pena de admitir como tendo sentido normalíssimo o completo nonsense de dizer “ela é veneno”! Ora, por que não re-conhecer “sua” como o verbo “suar”, conjugado na terceira pessoa do singular do presente do indicativo? Eis que o satélite -- um aparente pronome possessivo (*sua* mãe) -- se repotencializa de tal modo, que é capaz de conferir um sentido inaudito, porém perfeitamente possível, à frase:

“Menina toma remédio e sua. Mãe, – diz ela – é veneno!”

Estamira, catadora de lixo e de palavras, que já apresentamos ao tratar da *Função Sintática "Hera"*, ensina como nos desvencilhar dos dicionários de regência verbal, dizendo:

“Tudo que é imaginário tem, existe, é.”

(lema e subtítulo do filme *Estamira*, In: PRADO, 2005)

Também Stela do Patrocínio (2001), outra versão da história de Bispo do Rosário e de Ângelo de Lima, viveu uma Gramática em que a Concordância se dava muito além das aparências:

Nasci louca
 Meus pais queriam que eu fosse louca
 Os normais tinham inveja de mim
 Que era louca

* * *

Você nasce sempre
 Tem seus herdeiros e hereditários todinhos
 Tem sua família
 Eu não tenho mais família
 Minha família toda já morreu
 Tô na família do cientista

(PATROCÍNIO, 2001

*publicação póstuma por V. Mosé)

No fim de *A Assinatura das Coisas* (1992: 185), Lucia Santaella, estudiosa da ponte entre Semiótica e Literatura, cita o que considera uma das mais belas definições do ofício do artista a que teve acesso. Trata-se de um trecho da

conclusão do livro *O que é a Filosofia* (1991: 191), que Deleuze e Guattari escreveram juntos, citando D. H. Lawrence (1885-1930), e que nós, citando Santaella citando Deleuze-Guattari citando Lawrence citando a vida, também não podemos deixamos de plagiar:

Num texto violentamente poético, Lawrence descreve o que a poesia faz: os homens não deixam de fabricar um guarda-sol que os abriga, por baixo do qual traçam um firmamento e escrevem suas convenções, suas opiniões; mas o poeta, o artista abre uma fenda no guarda-sol, rasga até o firmamento, para fazer passar um pouco do caos livre e tempestuoso e enquadrar, numa luz brusca, uma visão que aparece através da fenda, primavera de Wordsworth ou maçã de Cézanne, silhueta de Macbeth ou de Ahab. Então, segue a massa dos imitadores, que preenchem a fenda com opiniões: comunicação. Será preciso sempre outros artistas para fazer outras fendas, operar as necessárias destruições, talvez cada vez maiores, e restituir, assim, a seus predecessores, a incomunicável novidade que não mais se podia ver. Significa dizer que o artista se debate menos contra o caos (que ele invoca em todos os seus votos, de uma certa maneira), que contra os clichês da opinião.

Se os clichês da opinião são a concordância Normal, a fenda aberta é a concordância Idealógica e o encontro das duas, o Nonsense – já resumimos satisfeitos a *Sintaxe como Ética*.

*
* *